

Temas políticos devem dominar a SBPC em Brasília

FLAVIO GOMES
Assessor cultural da Folha

Desvincular uma Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) de discussões políticas é algo que os cientistas ainda precisam aprender a fazer, depois de vinte anos de governos militares em que o encontro assumiu

ares de fórum livre de debates. Quando a reunião acontece em Brasília, em ano de Congresso constituinte, é quase inimaginável pensar que seu caráter será exclusivamente científico —o que, a rigor, deveria marcar um encontro de cientistas. E sob esse clima que a 39ª Reunião Anual da SBPC será aberta hoje, às 17h, na sala Villa Lobos do Teatro

Nacional de Brasília, começando a apresentação dos trabalhos programados amanhã no campus da Universidade de Brasília.

A própria presidenta da SBPC, Carolina Bori, admite que a reunião, apesar de “planejada para ser científica”, terá nos temas políticos suas maiores vedetes. “A SBPC apresentou propostas à Constituinte. Nos manifestamos sobre educação, ciência e tecnologia, saúde, meio ambiente, populações indígenas e cidadania. Essa é a contribuição que a SBPC devia dar e deu”. Segundo ela, os cientistas têm estudado os problemas do país e apresentam soluções para eles.

A reboque das circunstâncias desta Reunião Anual, a SBPC programou

dez simpósios multidisciplinares, a principal novidade deste ano. Não por acaso, o primeiro deles se chama “Ciência e Constituinte”, na terça-feira, coordenado pelo sociólogo José Albertino Rodrigues. Foi ele quem presidiu a comissão que formulou e entregou um pacote de sugestões ao Congresso constituinte.

Dez anos depois

A SBPC ganhou notoriedade junto ao grande público em 1977, numa Reunião Anual que marcou época. Inicialmente marcada para Fortaleza, ela ficou ameaçada de não acontecer quando o então presidente da SBPC, Oscar Sala, foi chamado a Brasília pelo ministro da Educação e Cultura na época, Ney Braga. Sala foi comunicado que a verba do MEC destinada ao encontro seria suspensa e sugeriu o adiamento da reunião. “Embora não se tocasse diretamente nesse assunto, colhia-se a impressão de que a tentativa de adiamento da reunião decorresse da agitação estudantil que lavrava em algumas universidades”, está registrado na



Prédio do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília

“Ciência e Cultura” de agosto de 1977. Somadas à “impressão”, vinham as notícias publicadas pela imprensa, de que o governo teria proibido o evento. Em 18 de junho, a SBPC parecia render-se aos fatos e publicava nota comunicando que “por falta de compreensão e apoio governamentais não tem condições para concretizar a realização de sua 29ª Reunião Anual”.

A nota teve repercussão imediata e a diretoria da entidade decidiu realizar a reunião em São Paulo. Onde? Primeiro pensou-se no campus da USP, mas a relutância do então reitor, Orlando Marques de Paiva, e a sugestão do governador Paulo Egydio Martins para que se levasse a reunião para a PUC (Pontifícia Universidade Católica) foram decisivas.

Às 20h do dia 6 de julho Oscar Sala abriu a 29ª Reunião Anual no Tuca (Teatro da Universidade Católica). Na abertura, o discurso de Maurício Rocha e Silva, um dos fundadores da SBPC, foi o mais forte, com críticas

abertas ao governo e ao reitor da USP.

No dia do encerramento, Rocha e Silva classificou de “insignificante” a acusação do líder da Arena na Câmara, o deputado José Bonifácio (já falecido), que disse ser a SBPC “um bando de comunistas”. “Para ele, todo o povo brasileiro é constituído de comunistas”, disse. O “bando” da SBPC é formado hoje por 22 mil sócios.

A entidade, é claro, não está isenta de críticas. A reunião de 1985, em Belo Horizonte, assemelhou-se muito a um “congresso do PMDB”, falou-se na época, porque nada menos que sete ministros estiveram presentes. No ano passado, as críticas vieram em relação aos alojamentos e ao gigantismo do evento, onde muitas atividades acontecem simultaneamente. “É uma pena que não dá para ver tudo ao mesmo tempo”, lamenta-se o atual presidente do CNPq, Crodowaldo Pavan. Ele disse isso em Belo Horizonte e Curitiba, e deverá dizer novamente em Brasília, onde 2.630 trabalhos serão apresentados.

Entidade científica dos EUA tem 133 mil sócios

De Nova York

A Associação Americana Para o Progresso da Ciência (American Association for the Advancement of Science, AAAS), que cumpre nos Estados Unidos um papel semelhante ao da SBPC, apresenta um histórico de encontros anuais muito diverso do que se costumou observar no Brasil. Criada mais de um século atrás, em 1848 (exatamente cem anos antes da SBPC), a AAAS desde então vem-se reunindo praticamente todo ano.

Não se poderia assim esperar menos do que uma programação rígida, que chega ao extremo de estar com as atividades fechadas oito meses antes de realizar-se o encontro. Para toda esta organização contribui uma enorme capacidade financeira: o orçamento anual da AAAS chega a US\$ 40 milhões. Mas o número que mais impressiona é de integrantes: são ao todo, em dados de março deste ano, 133 mil membros diretos, aos quais se somam 285 sociedades científicas.

Embora membros da AAAS insistam em que não há qualquer faceta política na atividade da associação, nota-se uma tendência para, pelo menos, discutir determinados temas com maior assiduidade. É assim que foram criados grupos internos, como a comissão de controle de armas e segurança nacional e a de liberdade científica e responsabilidade, que trata “da veiculação de informações científicas e dos direitos civis de cientistas em países onde a opressão é crônica”, segundo editorial publicado na “Science” há três meses.